



<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional
(ISSN 1809-2705) – versão on-line
Grupo de Pesquisa *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Autoria: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos

Revista indexada em:

NACIONAL

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério de Educação (Brasil) - **Qualis 2013** (atualizado em 27/set./2015): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (C), Ciências Humanas: História (B4), Ciências Humanas: Psicologia (B4), Ciências Humanas: Educação (B4), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (C), Multidisciplinar: Ensino (B2) - <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>
GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>
DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>
GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>
IRESIE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>
LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>
REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

n. 20 (jan. - jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Artigo recebido em 28/fev./2016. Aceito para publicação em 28/maio/2016. Publicado em 25/jun./2016.

Como citar o artigo:

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão on-line. Editora Dra. Valdeci dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 20 (jan. – jun. 2016), 25 jun. 2016, p. 134-161. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

EXPLORANDO RUAS QUE QUERO LADRILHAR: ENTRE A PAIXÃO E O RECEIO DE SER PROFESSOR

EXPLORING THE STREETS THAT I WANT TILING: BETWEEN THE PASSION AND THE FEAR OF BEING A TEACHER

Nathália Vieira Silva

Licencianda em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás – UFG – BR 
Membro do Grupo de Pesquisa “*Colligat* – (re)pensando a formação de professores de ciências e biologia” – ICB/UFG – BR 
E-mail: nathaliavs.95@gmail.com

Andréa Inês Goldschmidt

Doutora em Educação no Ensino de Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM – BR 
Docente da Universidade Federal de Goiás – BR 
Membro do Grupo de Pesquisa “*Colligat* – (re)pensando a formação de professores de ciências e biologia” – ICB/UFG – BR 
E-mail: andreainesgold@gmail.com

RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado I se constituiu como uma oportunidade de retorno aos conhecidos ambientes escolares nos quais cresci. Este momento, todavia, se estabeleceu como particular devido à possibilidade de uma nova perspectiva: eu como professora. Neste momento, reflexões a respeito de sonhos, medos, inseguranças e indignações tomaram meus pensamentos e me fizeram pensar sobre o porquê continuar neste caminho. As aulas deste componente curricular, a cognose e a execução do Projeto de Intervenção (PIP) na escola-campo por meio de um trabalho coletivo com a turma foram atividades que participaram da minha busca por respostas. A partir disso, refleti sobre o sonho e o desejo de mudança, os quais fazem parte do ser professor e do ser gente. Quando presentes, estes elementos resultam numa ação rumo a um ideal a ser alcançado, agindo em detrimento de uma realidade desestimulante. Neste processo, é necessário tanto destruir sofismas que circundam a educação como também assumirmos, como professores, as direções de nossa profissão. Mas se faz também necessário nos habilitar a enxergar a beleza na docência; valorizar o privilégio de participar da construção do sentido de muitas vidas, considerando essencial a presença do prazer na prática do ensino.

Palavras-chaves: Educação. Docência. Estágio. Professor. Formação Inicial.

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

ABSTRACT

The Curricular Supervised Internship I had been an opportunity to return to known school environments in which I grew up. This time, however, has established itself as particularly, given the possibility of a new perspective: myself as a teacher. At this time, reflections on dreams, fears, insecurities and indignities invade my thoughts and made me think about why keep following this way. The classes of this subject, cognose and implementation of Intervention Project (PIP) in the school-field through a collective effort with the class activities were indispensable in my search for answers. From this, I reflected on the dream and the desire for change, which are part of being a teacher and being human. When present, these elements result in a move towards an ideal to be achieved by acting rather than a discouraging reality. In this process, you must either destroy fallacies surrounding education as also assume, as teachers, the directions of our profession. But it is also necessary to enable us to see the prettiness in teaching; cherish the privilege of participating in the construction of the meaning of many lives, considering essential the presence of pleasure in teaching practice.

Key-words: Education. Teaching. Internship. Teacher. Initial formation.

1 INTRODUÇÃO

- Que tal ser professora?
- Não!
- Por que?
- Porque não! Não, não, não.

Iniciar esta introdução com esta epígrafe promove reflexões intensas, principalmente considerando o momento em que me encontro - o período de vivência do estágio - importante ao docente em formação. Estágio este que nos provoca inúmeras inquietações, entre elas, as decisões tomadas há algum tempo, sobre a escolha profissional. Professor: ser ou não ser? Eis a questão! E é justamente sobre este questionamento, que buscaremos refletir ao longo deste artigo.

Assim, nesta intrigante dúvida, ecoava a voz de uma menina que, ainda jovem e com poucas certezas na vida, ignorava as influências dos ventos agitados e inesperados sobre suas escolhas. Esses ventos são aqueles que sopram e mudam a direção de todo barco que por ventura se encontra sobre as águas da vida. Bem, essa menina sou eu Nathália Vieira Silva, ou pelo

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

menos era. Aquela que sempre esteve com uma resposta negativa na ponta da língua para a pergunta “Que tal a profissão docente?”, agora enche os lábios de risos e os olhos de brilho quando ouve esse mesmo questionamento, mesmo consciente da existência de tantos obstáculos. Assim como a maré que sobe também pode descer, e assim como um tempo frio cessa e volta com o passar das estações, também cada um de nós enfrenta, de tempos em tempos, suas mudanças e desafios. Em meio a estas intempéries, me encontro em um curso de licenciatura, apaixonada por aquilo que um dia rejeitei.

Depois de algumas desenvolturas do início da juventude - momento de tomada de tantas decisões importantes - decidi trilhar o caminho da profissionalização docente. Ingressei neste universo, através de um curso de Ciências Biológicas, licenciatura, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Aqui tive a grande oportunidade de conhecer, principalmente fora de sala de aula, pessoas com muitas histórias boas e ruins para contar sobre esse caminho que estava para desbravar, o que acrescentou riquezas à minha formação que não são encontradas em disciplinas obrigatórias. Algo essencial para a formação inicial e continuada do docente envolve, além de outros aspectos, a troca de experiências entre pares.

Sobre isso:

Quando os professores aprendem juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso os leva a compartilhar evidências, informação e buscar soluções. A partir daqui os problemas importantes das escolas começam a ser enfrentados com a colaboração de todos (WERLANG, 2008, p. 5).

Caminhando com estas pessoas, aprendi a sonhar mais; aprendi a ver a oportunidade além do medo; a indignação e a vontade de mudança diante do que já era passivo em excesso; a enxergar a realidade que muitas vezes não se quer ver. Foi também neste período da minha vida, especificamente no quinto período da graduação, que pude perceber novos horizontes e descobrir mais perguntas e respostas por meio da vivência no Estágio Curricular Supervisionado I. Neste tive a oportunidade de retornar para o lugar de onde vim: um momento singular de contato e descobrimento da escola e de mim mesma, dos limites e potenciais de ambos.

O Estágio Curricular do Curso de Ciências Biológicas (UFG/ICB) está em conformidade com a Lei 11.788/88 (BRASIL, 2008) e com as Resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa,

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Extensão e Cultura (CEPEC) n° 766/05 (BRASIL, 2005 a) e 731/05 (CEPEC, BRASIL, 2005b). Consiste no desenvolvimento de uma proposta de intervenção pedagógica numa escola campo, a qual é elaborada pelos professores em formação e acompanhada por um professor orientador do curso. Essa intervenção surge a partir do momento em que os discentes observam e vivenciam a realidade escolar e percebem algum aspecto nesta, com potencialidades de ser transformada, aprimorada ou destacada. O estágio, segundo Pimenta e Lima (2005) é um momento de aproximação da realidade escolar, sendo não uma fase prática de um curso predominantemente teórico, mas tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática. Porém, para concebermos essa ideia, precisa-se entender o conceito de prática e de teoria a partir do conceito de práxis, “[...] que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (p. 14).

Sendo um período de crescimento, construção e desconstrução, o Estágio afetou tanto minha vida pessoal como também minha formação como futura professora. Foi um período de retorno, de forma reflexiva, àqueles momentos de fuga da docência que havia no meu passado. Percebo então semelhanças e diferenças entre o que pensava e penso hoje; a existência de medos que passaram e outros que se fortaleceram; medito e investigo sobre o que me afastava e afasta da docência, mas também sobre o que me atrai a estes caminhos e faz com que eu permaneça aqui. Posso meditar sobre conflitos possivelmente presentes na vida de graduandos que um dia decidiram trilhar o mesmo caminho que eu, e se depararam com uma graduação e com uma realidade escolar saturada de problemas e de sonhos.

A reflexão faz parte do ser docente. Ser um professor reflexivo é pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem e considerar os aspectos que nela interferem e os que são por ela interferidos. Refletir é também ter a oportunidade e o interesse em se interrogar e investigar a respeito de suas práticas de ensino, tendo a chance de “[...] voltar atrás e rever acontecimentos e práticas” (OLIVEIRA; SERRAZINA, 2002, p. 29), caminhando rumo à emancipação e ao tornar-se sujeito autônomo e apto à tomada de decisões. A reflexão fornece ao professor informações a respeito das razões e consequências de suas atuações. Todavia, segundo as mesmas autoras, deve-se ter cuidado para que esta não seja instrumento do professor “[...] para justificar a ação, procurando defender-se das críticas e justificar-se” (p. 34).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Ao olhar para realizações do passado sob uma análise crítica, considerando os erros e acertos, as experiências, decisões e suas respectivas consequências, assim como contextos políticos, sociais, culturais e pessoais que envolveram o evento analisado, podemos ser reformulados em nosso modo de pensar e agir. Desta forma, crescemos como profissionais na área em que atuamos. Segundo Oliveira e Serrazina (2002, p.34) “[...] os professores que refletem em ação e sobre a ação estão envolvidos num processo investigativo, não só tentando compreenderem-se a si próprios melhores como professores, mas também procurando melhorar o seu ensino”.

Discorrendo mais sobre outro elemento tão presente nessa caminhada de formação – o sonho, penso que esse pode formar uma boa analogia com uma queda d’água. A força da queda d’água possui em si embutida a capacidade de gerar energia mecânica – ação, movimento – a qual dará origem à eletricidade – produto último que muda toda uma realidade. Percebo que assim também é na vida do professor: o sonho e a ação andando juntos, como parceiros, mudando as coisas ao seu redor.

Gadotti (2003) afirma que o “sonho” segue o mesmo sentido de utopia, projeto, sentido. Através dele enxergamos a boniteza de um elemento contemplado. A beleza está em todo lugar, mas só é vista pelos olhos que sabem ver. Todavia, a boniteza que vemos enfrenta seu próprio conflito com uma realidade que nem sempre agrada, que não se pode negar, e que se opõe à utopia que envolve o elemento admirado. Perceber esses aspectos pode gerar em alguns, ousadia; em outros, medo.

Freire e Shor (2008) escrevem sobre o quanto o medo pode estar presente nesse caminho a se ladrilhar. Limitações advindas de inseguranças, inexperiências, punições, pressões sociais e curriculares em geral, medo de consequências de posicionamentos, entre outros, podem aprisionar no educador a utopia, o sonho e o desejo de transformar, elementos que se configuram como essência de muitos de nós. Para enfrentar estes limites devemos estar fundamentados em algo maior. De acordo com os mesmos autores (p.39), “[...] se estou seguro do meu sonho político, então uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me imobilizar enquanto caminho para sua realização”. Continuando, afirmam que mesmo sendo o medo algo natural e inerente a todo sonho, não posso permitir “[...] que meu medo seja injustificado, e que me imobilize” (p.39). Todo sonho traz consigo riscos, mas é enfrentando estes que possibilito que aquele se torne realidade; e o discernimento entre quando devo enfrentá-los e quando devo



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

retroceder muitas vezes só ocorrerá através da experimentação, da prática, das reflexões após o enfrentamento. Cabe ao professor alimentar a ousadia de acreditar e de agir, mesmo com as ondas batendo contra a proa do barco.

Às vezes precisamos decidir continuar rumo a um alvo mesmo quando as previsões de tempo não nos são muito favoráveis; outras vezes, é necessário parar. Quanto à docência, parece que o tempo anda um pouco nublado. Segundo pesquisa sobre a atratividade da carreira docente publicada pela revista Nova Escola (2010), apenas 2% dos estudantes pesquisados que cursam o último ano do Ensino Médio deseja seguir sua formação na área de Pedagogia ou Licenciaturas, sendo estes em maioria, pertencentes às escolas públicas. Já outros 9% demonstraram interesse em seguir seus estudos em cursos de disciplinas da Educação Básica (como português, matemática e letras), o que não garante uma atuação em sala de aula. Questões como baixa remuneração, desvalorização social, más condições de trabalho, rotina desgastante e desmotivadora são alguns pontos que contaram nas opiniões dos discentes.

Ainda que se reconheça a atividade docente como sendo gratificante, nobre e muito importante na sociedade, poucos se dispõem a trilhar esse caminho e enfrentar não somente obstáculos antes do ingresso no nível superior, mas também durante esta formação e após sua conclusão. A partir disso, agitam-se em mim questões que envolvem não só o porquê de muitos não desejarem estar em sala de aula, mas também os motivos de muitos ainda prosseguirem rumo a este objetivo, e ainda outros que lá estão, permanecerem. De forma particular, importa também discorrer sobre a importância do Estágio Curricular e de experiências pontuais da formação inicial no processo de construção dessas respostas, discorrendo sobre os conflitos entre o desejo de se ensinar e o receio de se prosseguir nesse caminho.

Neste artigo, opto em fazer uso tanto do “eu”, quanto do “nós”, pois assim como diz Edgar Morin na biografia “Meus Demônios”, quando utilizo nós estou me referindo às discussões, produções coletivas que fazem parte da minha constituição como pesquisadora em educação mas que são compartilhadas também por outras pessoas. São ideias e momentos que dividi e ainda divido com minha orientadora, colegas do estágio e outros pares. Quando utilizo o eu, indico a pessoalidade do discurso, em trechos que fazem parte apenas da minha trajetória.



2 CAMINHOS TRILHADOS

Ao me deparar para escrever, revisitei minhas memórias, minhas vivências no estágio em licenciatura e minhas reflexões acerca dessas, e na tentativa de escrever sobre as mesmas, me vejo em distintas interlocuções, ora como estudante, ora como futura professora, e percebo que para escrever, necessito recorrer ao que afirma Jean Paul Sartre:

Estou a tentar explicar o que consiste escrever, ter um determinado estilo. É preciso que isso nos divirta. E para nos divertir torna-se necessário que a nossa narração ao leitor, através das significações puras e simples que lhe apresentamos, nos desvende os sentidos ocultos, que nos chegam através da nossa história, permitindo-nos jogar com eles, ou seja, servir-nos deles não para os apropriarmos, mas pelo contrário, para que o leitor os aproprie. O leitor é, assim, como que um analista, a quem o todo é destinado (SARTRE *apud* PRADO; SOLIGO, 2007, p. 45).

Optei pelas metáforas, pois elas são consideradas ferramentas importantes na educação, pois segundo O'connor e Seymour (1995) *apud* Goldschmidt (2015), uma metáfora contada de maneira clara e simples distrai a mente consciente e ativa a procura inconsciente de significados e recursos; ou seja, revelam elementos ocultos que apenas o inconsciente pode perceber e utilizar. Assim, as metáforas podem ser uma das vias para a configuração das reflexões.

Ciapuscio (2003) *apud* Goldschmidt (2015) afirma que a metáfora, habitualmente considerada uma figura de linguagem com funções ornamentais, nos últimos tempos vem sendo estudada como um poderoso instrumento do pensamento, uma fonte de explicação, e também em seu possível papel heurístico na pesquisa da natureza. Esta mudança na apreciação da metáfora relaciona-se com os novos modelos e as reflexões da linguística cognitiva sobre o pensamento metafórico, que têm redefinido e revalorizado o recurso.

Uma importante etapa na formação de professores é o conhecer a escola e aprender a enxergá-la. Nessa fase, vale destacar que o ato de conhecer não é somente o estar num lugar físico, mas vivenciá-lo; é sentir seu gosto, sua textura, suas cores e formas. É um processo no qual, segundo Rezende (2012), devemos considerar vários aspectos integrantes, tais como a



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

atenção, as percepções, a memória, o raciocínio, o juízo, a imaginação, o pensamento e a linguagem. Conhecer é uma ação e um processo que, mesmo que feito em conjunto, possui em si uma singularidade, uma mistura inevitável com nossa própria subjetividade. Este ato de conhecer, aqui referido como *cognose* (referente à cognição), foi a etapa desta trajetória do Estágio Curricular onde houve o primeiro contato direto com a escola campo (parceira).

O autor discute ainda que “*Cognose*”, tem seu termo inicial na ideia de cognição, palavra de origem nos escritos de Platão e Aristóteles, tendo como significado o ato de conhecer. Considera vários aspectos como integrantes do processo de conhecimento: a atenção, percepções, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem. Sendo este termo adequado ao ato de vivenciar e interpretar a escola campo (parceira). O sufixo “*ose*”, advindo do grego, se fez necessário, uma vez que indica o ato ou efeito da ação, o processo.

Segundo Pimenta e Lima (2005), o Estágio tem por propósito promover uma reflexão a partir de uma aproximação e envolvimento intencional com a realidade. De acordo com as autoras, o Estágio deve:

Desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, de modo a compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (PIMENTA; LIMA, 2005, p. 20).

Um dos caminhos para alcançar estes objetivos, é trilhado principalmente por meio da *cognose*. Nessa, se estimula uma análise crítica e reflexiva de uma realidade observada, o que se constitui como um importante fundamento para uma posterior ação de intervenção. O contato direto com a escola é essencial em nossa formação inicial, e a oportunidade de refletir a respeito da escola possibilita a compreensão a respeito das diferenças propostas por Pimenta e Lima (2005) entre a simples prática e a ação docente. De acordo com as autoras, a prática é uma atividade institucionalizada, que envolve conteúdo, métodos da educação e tradições; já a ação docente envolve nosso ser sujeito, com particularidades nos seus valores, no modo de agir, pensar, ensinar, se relacionar e ler o mundo. Ainda segundo este referencial, “[...] se a pretensão é alterar as instituições com a contribuição das teorias, é preciso compreender a imbricação entre

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

sujeitos e instituições, *ação e prática*" (p.12). Assim, somos formados mais conscientes da realidade e das possibilidades de mudança; crescemos quanto aos sonhos e quanto à ousadia em se intervir no mundo ao nosso redor!

A escola-campo é onde acontece a cognose, e se constitui como elemento imprescindível durante o Estágio Curricular. Segundo Custodio (2012), ela possui um papel de acolhimento, contribuição e complementação do processo formativo; fornece espaço para aplicação e adaptação de teorias aprendidas; possibilita vivências que só poderão ser pensadas e teorizadas neste local específico; e também oferece apoio, estrutura, espaço, instrumento e orientação ao estagiário para que ele desenvolva seu trabalho. Ainda sobre a escola-campo:

[...] Também merecem atenção as alterações organizacionais tentadas no sentido de integrar de direito uma parceria que já contribui de fato para a formação do futuro professor pela universidade: a rede pública. Suas escolas, como campo de estágio, já servem diretamente para estabelecer a conexão entre o estudante da licenciatura e a realidade escolar que irá enfrentar. (LÜDKE, 1994 *apud* CUSTODIO, 2012, p.11)

A escola campo do Estágio Curricular Supervisionado I foi o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE). O CEPAE funciona desde 1980, como uma unidade integrante da Universidade Federal de Goiás. Atende prioritariamente filhos e demais dependentes dos servidores da UFG e fornece vagas tanto no ensino fundamental (fase I e II) como no ensino médio. Possui uma boa estrutura, contendo em si dois prédios com amplo espaço. De acordo com o Projeto Pedagógico a escola está a serviço das necessidades e características de desenvolvimento integral de seus usuários, sendo estruturado no Regimento e no Projeto Pedagógico (PP), fundamentado em uma proposta crítica, que deve ser construída e vivenciada por todos os segmentos da escola, num processo de reflexão e discussão sobre o cotidiano escolar (PP, CEPAE. 2013, p. 4).

O Projeto Pedagógico (PP) foi disponibilizado com livre acesso no site oficial do CEPAE/UFG. É de interesse dos estagiários o conhecimento deste documento, uma vez que o Estágio tem como objetivo a aproximação e reflexão a respeito da realidade escolar. O PP é um plano geral da instituição que o possui, se caracterizando por ser dinâmico, não definitivo e orientador da ação educativa que se quer realizar (VASCONCELLOS, 2008). Segundo o mesmo

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

autor, este plano possui uma construção coletiva de conhecimento, atua como articulador de teoria e prática; memoriza significados de ações e se constitui como referência para a caminhada escolar.

Para que se reflita sobre uma realidade, é necessário primeiramente conhecê-la historicamente, entendendo sua origem e formação, analisando as diversas influências que participaram desse processo. Este documento estabelece “[...] como se dá o processo da/na dinâmica educacional praticada no CEPAE/UFG” (CEPAE, 2013), o que fornece bases indispensáveis para a realização da cognose e para a intervenção escolar.

Nos primeiros dias de aula de Estágio já me encontrava muito animada para conhecer a escola. Durante a graduação, o Estágio sempre foi como uma pérola aos meus olhos, e meu desejo em cursá-lo me deixava sérias dúvidas quanto à possibilidade de não gostar desta vivência e da escola-campo. E quando finalmente chegou o momento de desenvolver a cognose, houve em mim um coquetel de emoções, as quais serão apresentadas a seguir.

Primeiramente, vi o entusiasmo me aquecer, e já o esperava, uma vez que me é certo o desejo de ser professora e estar naquele ambiente. Todavia, vi também o medo: “será que conseguiria encontrar ali um tema para uma proposta de intervenção? Será que aquilo daria certo mesmo?” E, subindo as escadas da escola, encontrei a insegurança: os alunos do ensino médio aparentavam ser mais velhos do que eu! “Como seria a experiência de lidar com eles? Respeitariam-me?”, perguntei. E saindo do prédio da escola, me deparei também com a indignação: “Uau! Isso é mesmo uma escola pública?”, tornava a pensar. Como sou participante de um programa de iniciação à docência, estava acostumada a frequentar outro colégio público, que se localiza bem próximo à UFG. A comparação de ambos foi inevitável. Aqui vi coisas que não via lá: ampla estruturação física, flexibilidade curricular, bibliotecas organizadas e com bibliotecários aptos à realização de suas funções, entre outros. Não é minha intenção colocar ambos em extremos de perfeição e imperfeição que não existem, mas o contraste me chamou muito a atenção. Existem elementos básicos que são direito de todo aluno e professor, e a ausência destes não pode ser considerada normal! A partir disso, comecei a considerar que em alguns anos aqueles dois ambientes seriam meu local de trabalho. Imaginando-me ali, refleti sobre o quanto o ambiente e o contexto social interferem na prática docente, e em como o professor deve estar preparado para adentrar nestes diferentes locais e realizar as propostas de forma excelente e profissional, sendo flexível e criativo diante dos obstáculos. Segundo Sepel



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

(2012), o contexto social afeta o processo de ensino-aprendizagem. Cabem a nós, professores, estarmos sempre conscientes a respeito, tanto das questões que envolvem o mundo ao nosso redor como também do nosso papel transformador.

Com o tempo, algumas destas impressões foram se modificando e outras se consolidando. Percebi que não estava só, e que por isso as chances dos alvos almejados serem realmente alcançados eram bem maiores. Entendi também que o entusiasmo pode ser algo muito saudável, mas que aliado à inexperiência adquire grande potencial de gerar o medo da quebra de expectativa. Quanto à insegurança, creio que a vida e os relatos de pessoas experientes na docência me darão muitas respostas. Já no que se refere à indignação, percebi que vivemos num país onde a desigualdade é evidente e o sentimento de indignação não é solitário, mas compartilhado. A presença deste elemento nos dá esperança, uma vez que nos revela uma potencial mudança devido ao seu poder de gerar a ação.

A observação na escola foi desenvolvida de forma coletiva. Muitos de nós que cursávamos o Estágio, levantamos vários pontos que poderiam ser desenvolvidos em uma proposta de intervenção. Fomos então atrás de mais informações a respeito de cada tema proposto, a fim de ser possível, ao término desta cognose, dialogarmos e decidirmos qual caminho seguir. Dentre tantos pontos destacados, pudemos perceber que um importante problema que afetava a escola era a questão da higiene na utilização da água. Isso porque observamos que nos bebedouros da escola haviam copos que eram compartilhados por toda a comunidade escolar. A utilização compartilhada de copos associada aos maus hábitos de higiene pode acarretar complicações na saúde tanto dos alunos como dos funcionários, uma vez que se torna via de disseminação de doenças. Além disso, corre-se o risco de se diminuir a quantidade de água consumida por aqueles que estão cientes desta problemática, o que também pode causar graves transtornos de saúde.

Manter hábitos de higiene é um meio de prevenção de muitas doenças infectocontagiosas (BRASIL, 2008). Segundo Silva-Júnior (1995), hábitos simples como lavar as mãos após usar o banheiro e ter uma higiene pessoal adequada são formas de se diminuir os riscos de infecções causadas por organismos patogênicos. Estes microrganismos se encontram numa diversidade de locais, e estamos em contato com eles o tempo todo. Sendo assim, cuidados com a saúde se fazem necessários, inclusive em ambientes escolares, onde há um grande fluxo de pessoas. Nas



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

escolas, bebedouros, banheiros e cantinas se fazem meios de disseminação destes patógenos, se constituindo como alvos de nossa atenção (BOCCALETTO; MENDES; LARTA, 2010).

Os bebedouros são vias de contaminação de forma direta através da água ou indireta a partir do contato com o aparelho, o que se agrava pelo fato de não se conhecer os hábitos de higiene de quem os utiliza (ARAÚJO; BARAÚNA; MENESES, 2009). Já o uso compartilhado de copos e diversos outros utensílios coletivos, quando mal lavados e não desinfetados, se fazem meios de transmissão de microrganismos patogênicos promotores de risco à saúde pública (CHRISTOVÃO, 1947). A saliva presente nestes copos é uma via de transmissão de enfermidades, tais como a mononucleose (OLIVEIRA, 2012), amigdalite (FRAZÃO, 2014), hepatite A e herpes (ABBAS; FAUSTO; KUMAR, 2010), gripes e resfriados, entre outros.

Além dos riscos presentes no consumo de água acoplado à desatenção às práticas de higiene, a sua ingestão numa quantidade que não corresponde às necessidades básicas do corpo humano, pode provocar desidratação e problemas renais a curto ou longo prazo. Enfermidades como insuficiência renal aguda e cálculo renal são algumas consequências desta ingestão inadequada (GALVÃO, 2011).

Reconhecendo a importância do papel desempenhado pela escola no que se refere à fomentação de atividades de conscientização e sendo a escola atuante na formação social, moral, cultural e intelectual dos indivíduos, esta contribui para a consolidação de cidadãos capazes de intervir na sociedade e criar condições próprias à saúde. Alarcão (2001) afirma que a educação se posiciona como importante veículo de desenvolvimento da pessoa humana e da sua vivência na sociedade.

A educação voltada para a saúde na escola tem por finalidade estimular no aluno hábitos de saúde que favoreçam o seu crescimento, desenvolvimento e a prevenção de doenças. Para isso, a escola deve responsabilizá-los pela própria saúde, preparando-os para que ao sair deste meio sejam capazes de incorporar tais hábitos na sociedade (PRECIOSO, 2004).

Diante do exposto, chegamos à conclusão de que a melhor intervenção a fazer na escola e que de fato faria diferença naquela realidade seria desenvolver atividades que conscientizassem a comunidade escolar a respeito da ingestão adequada da água. Assim, elaboramos o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) com o tema de "Uso compartilhado de copos: higiene merece atenção", o qual objetivou promover o esclarecimento sobre os riscos de contaminação no



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

consumo de água e incentivar medidas de higiene pessoal no ambiente escolar como formas de se preservar a saúde e assegurar os benefícios da hidratação do corpo.

2.1 Que ladrilhos propomos para a pavimentação?

147

O Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) foi realizado no colégio CEPAE, contemplando os estudantes do ensino fundamental, fase um e dois. A execução da intervenção teve duração de três dias, e a temática abordada foi escolhida por nós de acordo com as necessidades percebidas na escola-campo durante a cognose. Como já mencionado, propomos a realização de discussões, reflexões e orientações a respeito do consumo inadequado da água em bebedouros, pelo uso de copos compartilhados.

Pensando em atividades motivadoras e no nosso papel de professores, optamos em realizar um circuito pedagógico lúdico, o qual foi dividido em “estações”, onde cada uma abordava um assunto específico a respeito do tema central do projeto. O circuito teve duração de 40 minutos.

a) Primeira estação: a temática foi introduzida através de uma apresentação inicial sobre a importância da água para os seres vivos. Foi explicado, que os humanos possuem uma relação importantíssima com a água, que inclusive antecede a fecundação, como: formação, mantimento e transporte dos gametas. Também foi esclarecido que durante o desenvolvimento embrionário somos envolvidos por um saco amniótico preenchido por água, e este é somente o início, pois ao longo da vida esta é parte estrutural do nosso organismo e mesmo sendo de extrema importância, sua constantemente reposição é fundamental. Foi destacado como essa é essencial para a manutenção da vida humana, pois oferece meios para que sejam realizados os processos metabólicos fundamentais, como digestão, absorção, circulação e excreção. Além de participar da manutenção da temperatura corporal e ajudar no funcionamento adequado de todos os órgãos. Sabendo de tamanha importância é possível deduzir que a deficiência de água no organismo pode ocasionar danos ao seu funcionamento.

b) Segunda estação: tratou da importância em se preservar água e seu consumo consciente através de modelos didáticos sobre distribuição desta no planeta. Utilizou-se para



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

tanto, a visualização de distintas quantidades de água em pet, ilustrando a disponibilidade dessa no planeta e a importância de sua preservação.

c) Terceira estação: apresentou algumas doenças que podem ser transmitidas pelo compartilhamento de objetos. Também foram tratadas as doenças ocasionadas pelo não consumo de água. Utilizamos a ajuda de um torço anatômico para melhor exemplificar a necessidade da água e seu caminho para o corpo e ainda um copo modelo com microrganismos de papel feito pelos próprios estagiários.

d) Quarta e última estação: contemplou uma sala de aula que foi denominada por nós estagiários, de sala das curiosidades. Dentro da sala possuíam práticas sobre o assunto abordado: culturas de bactérias, microscópios caseiro e ótico, vídeos e um aplicativo para celular.

148

2.2 O professor em mim: bem-me-quer ou mal-me-quer?

Concomitante às atividades desenvolvidas na escola tivemos no estágio muitos momentos de leituras, reflexões e discussões, que além de envolverem nossas vivências durante a cognose, elaboração e execução da proposta de intervenção, eram momentos de aprofundamentos sobre a nossa formação docente e nossas escolhas pessoais e profissionais. Compreendi durante este período de vivência, a importância do professor na vida dos alunos e a boniteza em ser professor, como apontado por Gadotti (2003), quando se refere à profissão docente.

O que é ser professor hoje? - Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis (GADOTTI, 2003, p. 3).

É saber ver a beleza que se apresenta diante de seus olhos nesta escolha da profissão, em
SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar:
entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

meio aos inúmeros conflitos que permeiam tanto meus pensamentos, como me fazem refletir sobre tamanha negatividade das pessoas em meio a esta escolha. Pergunto-me, será o caminho que tanto desejo trilhar, tão ruim assim? Nessa fase de incertezas e decisões, o famoso questionamento de William Shakespeare sobre “ser ou não ser: eis a questão” nunca se tornou tão real e palpável, o que me fez acessar minha memória e voltar às brincadeiras da infância, quando mergulhada em devaneios retirava pétala por pétala das flores do jardim, ação acompanhada da ritmicidade de questionamentos sobre se “bem me quer” ou se “mal me quer”. Hoje me formando em licenciatura, pergunto-me a respeito das vantagens e desvantagens, das bonitezas e asperezas que essa área de estudo e trabalho pode me trazer e sobre estas reflexões, que me debruço neste artigo.

149

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As implicações das atividades desenvolvidas no estágio foram intensas e se envolveram desde reflexões pessoais, vivência do ambiente escolar, oportunidade na proposição e execução de intervenção, até a possibilidade de avaliação das atividades construídas coletivamente e de produção coletiva destas experiências.

Através da cognose, pudemos refletir sobre qual seria a necessidade emergente em que poderíamos atuar. Foi através das discussões em grupo que conseguimos chegar a um consenso e fundamentar nossa proposta. Ideias diferentes surgiram, porém todos souberam ouvir atentamente as opiniões e refletir sobre a real necessidade de atuação. Realizar esta troca de opiniões, saber trabalhar em grupo, analisar e refletir sobre o que foi observado nos tornam profissionais qualificados para a prática pedagógica.

Durante a aplicação do PIP, notamos que os alunos se interessam mais quando se sentem importantes naquele ambiente, participando das atividades como sujeitos ativos no processo. Todas as ações do projeto, desde a cognose até a apresentação das estações do túnel, foram planejadas e executadas na perspectiva de despertar o interesse e a motivação dos alunos. Entendemos que o professor é mediador na construção do conhecimento, e o quão importante é estabelecer para esta construção, uma relação afetiva com seus alunos. Sobre isto, Mello e Rubio

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

(2013) discorrem que para que se tenha um desenvolvimento saudável dentro do ambiente escolar é necessário estabelecer relações positivas, a fim de se atingir os objetivos educativos. Sem dúvida, a interação professor-aluno interfere diretamente no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Percebemos, durante a execução do PIP, que o professor precisa desenvolver estratégias para lidar com a indisciplina da turma e então conseguir ser ouvido. Foi interessante notar que não existe uma fórmula ou técnica pronta, pois ser professor é algo muito dinâmico, uma vez que trabalhamos com pessoas muito diferentes umas das outras, que estão aprendendo conviver e, portanto uma das características mais importantes a desenvolver é a flexibilidade. A escola tem um papel fundamental na formação cidadã dos indivíduos, o que implica também em sua atuação na conscientização quanto aos hábitos de higiene. Segundo Rocha (2003), a escola atua como cenário privilegiado de um conjunto de práticas voltadas para o disciplinamento da infância, tendo poderosa colaboração para o sucesso de campanhas que visam ao combate de endemias e epidemias, como também para a difusão de meios de prevenção e preservação da saúde.

A atividade de conscientização deve ser contínua, e Vasconcelos *et al.* (2001) afirmam que o ambiente escolar é propício ao reforço e à repetição de conhecimentos e hábitos, uma vez que a “[...] motivação deve ser uma atitude constante para que os hábitos de higiene sejam incorporados” (p. 44). Sendo assim, ações de prevenção e cuidados com a saúde devem estar presentes em todas as séries e disciplinas, por meio de reflexões cotidianas, uma vez que hábitos são apreendidos pelos estudantes, e permanecem mesmo após a finalização dos estudos obrigatórios, influenciando a atuação desses indivíduos na sociedade.

Segundo Leonello e L’Abbate (2006), dentre as proposições das Orientações Curriculares Nacionais está a abordagem transversal de questões sociais, na qual temas de relevância social – como o ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, ética e saúde – seriam tratados em todas as disciplinas do currículo fundamental de maneira transversal, ou seja, perpassando todas as etapas das áreas curriculares. Neste contexto, compete também ao professor saber esclarecer e orientar a respeito de patologias que são prevalentes em seu ambiente de trabalho. Não está sendo sugerido que o professor assuma mais uma responsabilidade em sua trajetória diária. Porém, é importante que esses profissionais da educação possam vir a ser empoderados no que se refere a esses conhecimentos, pois é papel da escola formar alunos com conhecimentos e



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

capacidades que os tornem aptos a discriminar informações, identificar valores agregados a essas informações e realizar escolhas.

Compreendemos que o ambiente escolar contribui de forma eficiente para o entendimento de como se estabelecem as relações entre os sujeitos. É um lugar dinâmico, que requer do professor adaptações contínuas, além de um olhar reflexivo e crítico diante das situações vivenciadas. A escola-campo nos possibilitou, assim, um maior contato com nosso futuro campo de trabalho.

A aplicação do PIP nos fez ver a escola com outros olhos. Cabe ao professor tentar mudar a realidade do ensino, constipada ao uso de metodologias fixas e engessadas, de buscar novas didáticas que incitem a curiosidade de seus alunos a fim de alavancar a busca e a construção do conhecimento. Trata-se da ruptura do tradicional com a busca do novo. Novo este que desperta interesse e facilita o aprendizado quando se trata de aprender de forma divertida, com a inclusão de aulas mais interativas, não só entre o professor e o aluno, mas entre o aluno e o conteúdo que é estudado.

A inclusão de uma 'Sala das Curiosidades' ao fim do túnel na aplicação do Projeto de Intervenção Pedagógica nos permitiu enxergar com maior clareza o despertar da curiosidade ao se comparar um ensino teórico com o prático. As aulas diferenciadas permitem ao aluno enxergar de perto o que há por de trás da ciência, permite ver como as coisas funcionam e assim criar interesse pelo que realmente vê, e não apenas pelo que ouve falar. Possibilitou dar a oportunidade de visualizar como funciona e o que permite enxergar.

3.1 Os paradoxos que permeiam as trilhas da educação

Na execução da proposta de intervenção, fiquei maravilhada com os alunos e com seu fácil encantamento diante de tudo o que preparamos. Suas reações foram gratificantes, e realmente me alegrou muito. Através deste trabalho executado, pude notar todo um contexto escolar que nos envolvia. Reparando sempre nos professores, percebi uma variedade de elementos: alguns com entusiasmo, surpresa e alegria; outros com cansaço e impaciência diante de uma turma difícil de conter devido às curiosas novidades. Estes acontecimentos me fizeram

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

revisitar a memória e pensar em situações que se relacionam com a docência e os docentes: lembrei-me dos professores que trabalhavam em várias escolas e em vários turnos para melhores condições de vida; das escolas sem estrutura adequada; das drogas entrando nas salas de aula; das políticas públicas que mais atrapalham o ensino do que ajudam; e por outro lado, da concorrência que tive que enfrentar para entrar num curso de licenciatura; das emocionantes despedidas de professores que marcaram minha vida e que não mais me dariam aulas; das brincadeiras de professores em sala; do entusiasmo nos olhos daquele meu professor de inglês do ensino médio quando nos levou ao mercado central; e das falas indignadas e esperançosas dos professores no jornal da tarde, anunciando suas greves e requerimentos. Se conflitando em minha cabeça, a coexistência destas duas realidades se tornou alvo da minha curiosidade e reflexão.

Em minhas reflexões, através de leituras na área, percebi que uma das palavras que são muito presentes quando se fala de docência é “sonho”. Confesso que o termo “sonho” sempre me incomodou. Ele me passava a sensação de passividade, de ser lunático, de confiança em sorte ou acaso, de valorização a uma probabilidade desprezível. Não achava que este termo combinasse com o ser professor, que exige ação, formação, proatividade e indignação. Percebo hoje que este desconforto presente desde tanto tempo não era fruto somente de uma concepção incompleta de “sonho”, mas também de uma discreta associação mental entre as palavras “desânimo”, “incredulidade”, “ensino” e “professor”. O meu caminho para resolver esta incoerência de significados se iniciou quando tentei responder a seguinte questão: por que os teóricos da educação ainda sonham?

Gadotti (2003) nos fala a respeito deste tema. Seria o sonho uma tola utopia ou uma possível realidade? Segundo o autor, sonho significa sentido, “[...] caminho ainda não percorrido, mas que se deseja percorrer” (p. 2). Sonho é uma fantasia, mas não no sentido negativo da palavra, como se algo irrealizável. É o desejo de mudança, a vontade de andar por onde não se andou. Segundo Cordeiro (2008), desejo é como uma potência, uma vontade consciente, um propulsor de transformação. Destaco nestas definições o sentido de ação e movimento, algo oposto à passividade e acomodação. Uma vez que todo ser humano tem em si o desejo de conhecer e se movimentar em favor de algo idealizado, concluímos que a natureza do sonhar está presente em cada um de nós. Dessa forma, o professor que sonha não se faz um alienígena e nem um alienado; ele simplesmente expõe o seu ser sujeito, o seu ser gente, seu lado humano.

Mas será que vale a pena sonhar com um caminho que ainda não se pisou e nem se viu, e



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

que só existe no campo das ideias? Bom, um dia o homem sonhou em pisar na lua, e nós sabemos as consequências disso. Apesar de ser um lugar muito distante, o importante foi que caminharam rumo aos objetivos propostos. Não entro aqui em detalhes a respeito dos interesses políticos envolvidos neste feito, e nem ignoro sua importância; mas destaco a essência do desejo. Segundo Ferreira (2010), sonhar se relaciona com o fantasiar e devanear; com se ter uma ideia fixa e com o cuidar e pensar com insistência naquilo com o que se sonha. Podemos dizer que o homem lá pisou no dia em que sonhou e agiu de acordo com este seu propósito, quando decidiu em insistência buscar o que procurava. Apesar de ser algo possível somente na imaginação dos antigos casais de namorados que contemplavam os céus, vimos que de fato poderia acontecer. Da mesma forma, o sonho que hoje já se desencantou na mente de muitos professores, mas que ainda está vívido no desejo de tantos, pode sim ser o princípio de uma transformação.

Todavia, deve-se tomar cuidado quando se discorre sobre este assunto na educação. Freire; Brandão e Chauí (1982) nos falam que precisamos sonhar sonhos possíveis, e que essa possibilidade não depende somente do ser individual, mas de critérios histórico-sociais. Precisamos meditar sobre nossa prática, perceber seus limites, vivendo uma prática dinâmica e dialética, que permeia a denúncia de uma sociedade exploradora e o anúncio de que se é possível sonhar. Ainda segundo os autores:

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar [...] ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e rotina (FREIRE; BRANDÃO; CHAUI, 1982, p. 101).

De sonho em sonho, possíveis ou não, os professores têm se desgastado devido às concepções extremistas e erradas a respeito do papel da educação e do educador. Segundo Goes (2014), tanto se crê que a educação é a única forma de se mudar o mundo, como também se enxerga o campo educacional como completamente falido e sem solução. Juntamente a isto, estaria principalmente sobre o professor a responsabilidade de mudança, o que diminui a percepção da relevância da mobilização de toda uma sociedade.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

É injusto que a sociedade nos considere os únicos responsáveis pelo fracasso de um sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente a avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade. Sobretudo quando ninguém se atreve a redefinir funções porque pode se tornar impopular (ESTEVE, 1999, p.19).

O fardo de culpa pela suposta “perda total” do sistema educacional imposto principalmente pela mídia, políticos e sociedade em geral promove uma responsabilização indevida aos educadores, o que traz consigo desgaste e desencantamento. Precisamos entender que o sonho e desejo de mudança são essenciais e fazem parte do processo de transformação. Todavia, segundo Gadotti (2003), importa também que seja sonhado por muitos para que se torne realidade.

Muitos autores têm escrito a respeito do desencantamento docente. Por mais que venhamos a falar de sonho, não podemos ignorar a realidade, muitas vezes triste, que a docência tem enfrentado. Anos atrás, já se discutia a respeito:

O desgaste do professor e a resistência dos alunos fazem com que muitos professores se perguntem por que estão na educação. Não é um lugar para se tornar rico e famoso [...] Tem algumas condições favoráveis – férias longas, jornada de trabalho mais curta e o incentivo moral de trabalhar pelo desenvolvimento humano [...] Mas agora, mais do que nunca, os professores estão recebendo menos recompensas e mais dissabores. Um momento de crise na profissão que predispõe alguns professores aos sonhos libertadores (FREIRE; SHOR, 2008, p.38).

O sonho age sobre uma consciência e insatisfação de fatos que não se pode negar. Atualmente não nos tem faltado desestímulos a respeito da docência na vida dos professores formados e dos em formação: desvalorização profissional e salarial; currículos fechados como empecilho à autonomia; violência física e verbal contra o professor; falta de apoio social e político às causas da classe trabalhadora; pressão para um ensino tecnicista e focado em resultados, e não mais como meio de transmissão de valores; um ensino voltado para interesses econômicos e não mais para os humanizadores; resistência familiar quanto à dedicação à licenciatura; medo de punições como resposta à ousadia; desvalorização de títulos e

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

desmotivação quanto à formação continuada; formação inicial distante da realidade; frequência de greves e paralisações; crescente sensação de impotência, entre outros. Durante a formação inicial, não é raro ouvir de colegas de turma o relato de desistência do curso devido à descrença quanto à situação desta profissão. A crise se instala de tal forma que os que ainda não se formaram não desejam continuar, e os que já exercem sua profissão desejam de lá sair e logo se aposentar. O trabalhador tem perdido o sentido de seu trabalho; tem se ausentado de uma identidade sólida; tem perdido o ânimo e tem considerado toda ação como inútil. Sobre isto:

155

Com o avanço do capitalismo e a supremacia do neoliberalismo a profissão docente tem passado por situações tensas na busca por uma identidade, não por acaso alguns teóricos falam em crise de identidade do professorado. A pressão por resultados interfere no trabalho e na vida dos docentes, o estresse é uma realidade na profissão, muitos desenvolvem o chamado Burnout, a síndrome da desistência (GOES, 2014, p.15).

Ainda de acordo com o autor, a crença presente tanto em meio aos docentes como em meio à sociedade de que a educação e a atuação dos professores são de importância primordial para aperfeiçoamento da qualidade de vida social é um erro com sérias consequências. Segundo estas concepções, a meritocracia pelo bom desenvolvimento de uma nação não estaria entrelaçada com questões que se inter-relacionam como política, saúde, economia, justiça, entre outros – mas inteiramente com a presença de boas escolas e bons educadores. Colocar o professor como responsável por iniciar toda uma revolução social é irreal e injusto, o que lhe dá um fardo insuportável de ser um super-herói que não se abala com as circunstâncias, mas salva toda uma humanidade. Assim, ignora-se a responsabilidade de toda a sociedade na luta contra suas mazelas, inclusive as que envolvem a educação. E juntamente com esta cobrança vemos a responsabilização do professor pela formação de uma mão de obra qualificada, o que inibe sua autonomia e reforça uma docência desestimulada e até mesmo depressiva.

Ao se falar de mudança, de encerramento de uma crise docente que perdura anos no Brasil, Nóvoa (1994) discorre a respeito na necessidade que temos como professores de assumir a direção de nossa carreira e profissão, num formato tanto individual como coletivo. Seria ingenuidade esperar que a transformação começasse de cima para baixo; pelo contrário, deve-se já ter uma postura dentro do ambiente escolar, o que inevitavelmente trará consigo resistências e

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

críticas, elementos tais que nunca se ausentaram da caminhada de um professor.

Diante desta realidade, a qual aparenta sempre estar numa triste tendência ao extremismo entre utopia e desencantamento, me pergunto se há algum motivo para continuar; se em meio ao deserto nascem flores; se em meio aos espinhos podemos encontrar rosas. Discuto esta questão a seguir.

3.2 Caminho ladrilhado como nenhum outro: o que tem de cá não tem de lá

Em mais um dos longos dias de minha graduação, após um cansativo momento de análise de dados de uma pesquisa que eu e alguns colegas estávamos desenvolvendo, voltei para casa de ônibus na companhia de um deles. Este amigo é um daqueles que nunca nos esquecemos e que sempre somos gratos por cada momento juntos. Enquanto conversávamos rumo às nossas casas, ele me perguntou o porquê de, assim como ele, eu estar na licenciatura. Respondi que precisava gastar meu tempo com algo que tivesse tamanha importância: contribuir na formação de pessoas. Diante da minha resposta, meu amigo me disse algo de que nunca me esqueci! Sorrindo disse: “É... acho que você tem o vírus”! Rimos juntos, porque nós dois estávamos com a tal “virose” difícil de tratar que nos atraía para o caminho da docência!

Infelizmente, para exaustos caminhantes, a docência se tornou uma profissão como qualquer outra, sem qualquer aspecto que a diferencie das outras profissões. O fato de se trabalhar com pessoas, sendo muitas vezes crianças e adolescentes, perdeu completamente seu encanto. Todavia, ainda há aqueles que enxergam a boniteza nestes lugares.

A docência é particular em si mesma por seu trabalho com o humano; por sua interação educador-educando, dois sujeitos que se assemelham naturalmente (TARDIF; LESSARD, 2009). Apesar de nossa aderência a uma mentalidade pós-moderna individualista, mercadológica e sempre atrasada em seus afazeres; à uma cultura geral em que se corre demais atrás do que não se sabe pra que serve, ainda há remanescentes que valorizam as relações humanas e a oportunidade de participar da construção de sentidos. Para estes, a docência se faz um banquete.

Segundo Cordeiro (2008), o trabalho docente tem como sua essência o desejo de entender e compreender; de se chegar aos discentes e compartilhar vida; de se estar com os alunos e



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

fomentar experiências que lhes dão sentido; despertar o desejo de aprender e saber e questionar o sentido de suas próprias vidas. A experiência entre o professor e o aluno de estarem um com o outro pode existir e fazer sentido, estando sempre presente nesta relação a experiência do amor: não aquele somente sentimental e emocional, mas aquele envolvido no desejo de ensinar, de cuidar, de entender e se fazer entendido.

Educação não pode ser compreendida como mera burocracia, uma necessidade utilitarista para fins profissionais. De acordo com Cordeiro (2008), educação é relação, criação de vínculos. É um cuidado amoroso sensível a necessidade do outro, e é realizado por meio da confiança gerada pela linguagem não-verbal. Neste sentido, não se torna difícil falar de docência, prazer e amor numa mesma frase. Percebo então que este pode ser realmente um caminho valioso e particular em seus múltiplos aspectos.

Em vista de tudo isto, percebo que para esta resistência e a crença de mudanças na educação, é preciso resistir ao fatalismo. Acreditar na mudança, no poder de uma ação, no sonho e na esperança faz parte do educador. Um simples técnico se contentaria somente em cumprir a tabela de afazeres. Mas o educador é aquele que sonha, e ao fazer isso de institui como exemplo de seu próprio discurso diante de seus educandos, digno do título de “educador”.

Acredito que faz parte de nós um pouco da loucura de ser criança, de pagar o preço pelo que se almeja. Criança suja os pés e a roupa para caçar joaninhas no jardim; se lambuza para degustar ao máximo uma manga; larga a barra da saia da mãe para correr atrás de borboletas; se molha na chuva e é curiosa para saber o quê e por que de se fazer o que se faz. Criança quer sentido. Professor quer sonho possível!

Assim, sendo professor ou não, precisamos aprender a aprender, pois como afirma Rubem Alves (2004), onde há fome há gosto em se comer o que nunca se imaginou; que não tentar outra vez é deixar com que o sonho fracasse; que na vida somos sempre aprendizes, e sendo assim devemos aprender a lidar com as inseguranças; e que fazer com amor é completamente diferente de se fazer por amor.

Segundo Cordeiro (2008), o desejo de ensinar é algo real e construído pelo docente, e não simplesmente uma missão inata. O desejo se fortalece quando entendemos o verdadeiro papel do professor, e ele permanece quando ressignificamos as respostas encontradas. Ainda de acordo com a autora, estes novos significados se constituirão ao envolver vários aspectos presentes na atuação do educador, como o privilégio de participar da formação e construção da vida de



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

pessoas, assim como o benefício de se ter uma posição que provê ferramentas úteis para a vida do aluno, as quais lhe darão concretude a um dever sujeito, criativo e potente.

Este prazer também pode ser construído durante o trilhar deste caminho a se ladrilhar. Entre vivências e experiências, entre surpresas e medos, nos fortalecemos na certeza de estar fazendo aquilo que um dia desejamos; na convicção de se estar no lugar onde se deveria estar, onde se gostaria de estar. Ainda que a restauração do prazer em ser professor seja também dependente de mudanças externas à sala de aula, o processo da caminhada traz consigo presentes do caminho de cá que não se encontram no de lá.

158

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS... E SE ESSA RUA FOSSE MINHA?

Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas de brilhante para o meu amor passar
Nessa rua tem um bosque que se chama solidão
Dentro dele mora um anjo que roubou meu coração
Se eu roubei teu coração, tu roubaste o meu também
Se eu roubei teu coração é porque te quero bem
Se essa rua fosse minha
(Cantiga popular)

Esta é uma cantiga popular que esteve presente na infância de muitos de nós, e que hoje se relaciona de uma forma bem particular com este caminhar formativo sobre um caminho carente de muitos ladrilhos. Esta é a rua que se fosse minha, se fosse nossa, mandaríamos ladrilhar. É a rua que é de todos, mas por muitos é negligenciada; a rua na qual todos andam, mas que nem todos querem pavimentar. E nela há pedrinhas de brilhante, mas que nem todos sabem valorizar. Todavia, é um bom lugar onde o amor pode passar.

Nesta rápida peregrinação por essa Terra, às vezes podemos nos deparar com essa tal de solidão. Mas para muitos a história é semelhante e não tem jeito: já não lhes pertence seu coração. E numa escandalosa rede de comunicação entre roubos e emoção, descobrimos que a última bráctea daquela flor despedaçada representava o “bem-me-quer” e o “bem-te-quer”.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

REFERÊNCIAS

ABBAS, A. K.; FAUSTO, N.; KUMAR, V. **Robbins & Cotran - patologia - bases patológicas das doenças**. 8. ed. Editora Elsevier, 2010.

ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ALVES, R. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

ARAÚJO, T. M.; BARAÚNA, A. C.; MENESES, C. A. R. Identificação de *Escherichia coli* em água de bebedouros e nos próprios aparelhos de quatro escolas públicas de Boa Vista – Roraima – Brasil. CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA (CONNEPI). **Anais...** Belém (PA), 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.788/08**, de 25 de dezembro de 2008.

_____. **Resoluções do conselho de ensino, pesquisa, extensão e cultura (CEPEC), nº 731/05**, de 5 de Julho de 2005.

_____. **Resoluções do conselho de ensino, pesquisa, extensão e cultura (CEPEC), nº 766/05**, de 6 de Dezembro de 2005.

BOCCALETTO, E. M. A.; MENDES, R. T.; LARTA, R. V. Estratégias de promoção da saúde do escolar: atividade física e alimentação saudável. Campinas: **IPES Editorial**, 2010. Disponível em:<www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000787765>. Acesso em: 15 jul.2012.

CHRISTOVÃO, D. A. O problema sanitário dos copos, louças e talheres dos restaurantes, bares cafés do centro de São Paulo revelado por inquérito bacteriológico: Causas determinantes e sugestões para a sua solução. **Arquivos da Faculdade de Higiene e saúde Pública**, v.1, n. 2, p. 241-264. Universidade de São Paulo, 1947.

CIAPUSCIO, G. E. Metáforas e ciência. **Revista Ciencia Hoy**, v 13, n. 76, p. 60-66. ago/set 2003.

CORDEIRO, E. G. **O desejo de ensinar: por um dever professor**. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, Universidade de Uberaba – MG, 2008.

CUSTODIO, C. M. de S. A formação inicial do professor e a função da escola-campo de estágio: desafios e possibilidades. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPED SUL, 9. **Anais...** 2012.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC, 1999.

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FRAZÃO, A. **Amigdalite**. Disponível em: <<http://www.tuasaude.com/amigdalite/>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

FREIRE, P.; BRANDÃO, C. R.; CHAUI, M. S. **O educador**: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, v. 18, 2008.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. São Paulo: Grubhas, 2003.

GALVÃO, P. A. **Cálculo renal**. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/homem-2/calculo-renal/>>. Acesso em: 21 jun.2015.

GOES, C. R. **O ser professor na contemporaneidade**: entre a utopia de mudar o mundo e o desencantamento com a realidade. Trabalho de conclusão de curso: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GOLDSCHMIDT, A. I. Metáfora da árvore e do cerrado: implicações na construção docente. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO 'SABERES, ALEGRIA E CONVIVÊNCIA, 20. A REINVENÇÃO DA ESCOLA VII ENCONTRO PIBID ULBRA. **Anais...** Cachoeira do Sul, 23 a 25 de setembro de 2015.

LEONELLO, V. M.; L'ABBATE, S. Educación en la salud en la escuela: un abordaje del currículo y de la percepción de alumnos de graduación en Pedagogía. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.19, p.149-66, 2006.

MELLO, T; RUBIO, J.A.S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil. **Rev. Eletrônica saberes da educação**, v. 4, n. 1; 2013.

MORIN, E. **Meus demônios**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

NÓVOA, A. **Relação escola/sociedade**: novas respostas para um velho problema. São Paulo: UNESP, 1994. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/24/3/EdSoc_Rel%C3%A7%C3%A3o_escola_sociedade.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2015.

OLIVEIRA, I.; SERRAZINA, L. A reflexão e o professor como investigador. In GTI (Eds.), **Refletir e investigar sobre a prática profissional** (pp. 29-42). Lisboa: APM, 2002.

OLIVEIRA, J. L. de. O vírus Epstein-Barr e a mononucleose infecciosa. **Revista Brasileira de Clínica Médica**. São Paulo, p. 535-43, 2012.

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Projeto Político-Pedagógico do CEPAE/UFG. Disponível em: <<http://www.CEPAE.ufg.br/pages/9721>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

O'CONNOR, J.; SEYMOUR, J. **Introdução à programação neurolinguística.** São Paulo: Summus, 1995.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2005/2006.

PRADO, G. V. T., SOLIGO, R. **Porque escrever é fazer história.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

PRECIOSO, J. Educação para saúde na escola, um direito dos alunos que urge satisfazer. **O Professor**, n. 85, III série, p. 17-24, 2004.

RATIER, R.; SALLA, F. Porque tão poucos querem ser professor. **Nova escola:** a revista de quem educa. Editora Abril, p. 4-17, 2010.

REZENDE, L. H. G. **Relatório de estágio curricular 1 apresentado ao curso de ciências biológicas.** UFG, 2012.

ROCHA, H. H. P. Educação escolar e higienização da infância. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, 2003.

SALLA, F.; RATIER, R. Escolha de Poucos. **Revista Nova Escola.** São Paulo: Ed. Abril, p. 68-69, jan./fev. 2010.

SEPEL, L. M. N. **História da ciência e atividades práticas:** proposta para formação inicial de docentes. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil, 2012.

SHAKESPEARE, W. **The tragedy of hamlet, prince of denmark.** Primeiro Fólio, 1623.

SILVA-JUNIOR, E. A. da. **Manual de controle higiênico-sanitário em serviços de alimentação.** São Paulo: Varela, 1995.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2009.

VASCONCELLOS, C. dos S. Projeto político pedagógico: conceito e metodologia de elaboração. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico.** 18. ed. São Paulo: Libertad, 2008. p. 168-193.

VASCONCELOS, R. *et al.* Escola: um espaço importante de informação em saúde bucal para a população infantil. **Rev. Fac. Odontol**, São José dos Campos, v.4, n.3, p. 43-47, 2001.

WERLANG, A. da C. Qual a formação que buscamos? **Revista Trama**, v. 4, n. 7, 2008. p. 11–19.

SILVA, Nathália Vieira; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Explorando ruas que quero ladrilhar: entre a paixão e o receio de ser professor.